



A importância da Festa da Páscoa nos relatos da última ceia: a Páscoa de Jesus inscrita em continuidade à *Pessach* judaica

The importance of Passover in the accounts of the Last Supper: The Easter of Jesus inscribed in continuity with the Jewish Pessach

Arthur Carvalho Moraes

Resumo

Este artigo tem como objetivo mostrar como a páscoa cristã foi elaborada e concebida pelos primeiros cristãos dentro do horizonte semântico e de significações da Páscoa Judaica. Ao fazer coincidir a ceia de despedida de Jesus com a noite da Festa da Páscoa, os Sinóticos apresentam a última ceia como um memorial definitivo da ação salvífica de Jesus operada na cruz (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,15-20; 1Cor 11,23-26), tal como a *Pessach* judaica é memorial da ação libertadora de Deus em favor do povo escolhido (Ex 12,1-28). Por outro lado, o Evangelho de João, ao apresentar a morte de Jesus ocorrendo em dia anterior à Páscoa, almeja identificar o sacrifício de Jesus com o sacrifício do Cordeiro Pascal (Jo 1,36; 1Cor 5,7), imolados na mesma hora e dos quais não se quebram os ossos, de modo que todo o mistério salvífico de Jesus Cristo seja inscrito em linhas pascais. Com diferentes matizes teológicas, os Evangelhos tomam, portanto, das categorias pascais os significados mais fortes para interpretar a oblação salvífica de Jesus, de modo que só se entende todo o alcance teológico da morte e ressurreição de Cristo se inscrevem-las como um “mistério pascal”.

Palavras-chave: *Pessach*. Páscoa Cristã. Continuidade.

Abstract

This article aims to present how the Christian Easter was elaborated and conceived by the first Christians within the semantic horizon and meanings of the Jewish Passover. By making the farewell supper of Jesus coincide with the night of Passover, the Synoptics present the Last Supper as a definitive memorial of Jesus' salvific action carried out on the cross (Mt 26:26-29; Mk 14:22-25; Lk 22:15-20; 1Cor 11:23-26), just as the Jewish Passover is a memorial of God's liberating action on behalf of the chosen people (Ex 12:1-28). On the other hand, the Gospel of John, when presenting the death of Jesus occurring on the day before Passover, aims to identify Jesus' sacrifice with the sacrifice of the Paschal Lamb (Jn 1,36; 1Cor 5,7), immolated at the same time and whose bones are not broken, so that the whole saving mystery of Jesus Christ is written in paschal lines. With different theological nuances, the Gospels therefore take from the paschal categories the strongest meanings to interpret the salvific oblation of Jesus, so that the full theological scope of the death and resurrection of Christ is only understood if we inscribe them as a "paschal mystery".

Keywords: *Pessach*. Easter. Continuity.

Introdução

A festa judaica de *Pessach*,¹ enquanto memorial da libertação do povo hebreu do Egito, possui uma lugar de centralidade na vida de Jesus Cristo. Como um judeu de seu tempo, Jesus provavelmente celebrava a Páscoa a cada ano, peregrinando a Jerusalém com sua família (Lc 2,41-52). O Evangelho de João faz menção a pelo menos 4 Páscoas na vida de Jesus (Jo 2,12-13; 11,55; 12,12 com 13,1; 6,4).² Mais que isso, o grande mistério redentor da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo ocorreu em ambiente da festa pascal judaica. A ela, os quatro Evangelhos fazem referência (Mc 14,12-16; Mt 26,17-19, Lc 22,7-13; Jo 13,1). O próprio Jesus, já pela tradição neotestamentária (1Cor 5,7; Jo 1,29.36), é identificado com o cordeiro pascal feito oferenda agradável a Deus.³

¹ Pelo termo hebraico *Pessach*, entende-se a Festa Pascal judaica.

² Em Jo 5,1, quando o evangelista faz menção a "A festa", pode-se pensar que seja a Páscoa, festa por excelência dos judeus. Contudo, outros pensam ser a Festa de *Savuot* (Pentecostes) ou de *sukkot* (Tendas), que também são festas de subida obrigatória a Jerusalém.

³ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 37-38.

Ademais, assim como a *Pessach* judaica é memorial da ação libertadora de Deus em favor do povo escolhido (Ex 12,1-28), Jesus também quis deixar, na última ceia, um memorial definitivo de sua ação salvífica operada na cruz (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,15-20; 1Cor 11,23-26), quando, em um gesto profético, deixa o pão e vinho como sacramentais de sua presença na celebração cristã.

Haja vista a importância da páscoa judaica para se compreender o mistério redentor de Jesus, os autores do Novo Testamento tomarão das categorias dessa festa os significados mais importantes para interpretar a morte e ressurreição de Jesus Cristo.⁴

O que nos perguntamos é isto: O que quis Cristo Jesus significar quando reuniu seus discípulos na ceia de despedida e deu-lhes a comer pão e a beber vinho, dizendo-lhes que eram seu corpo e seu sangue, e recomendando-lhes que celebrassem aquilo em sua memória? O que entenderam eles? Quais eram as categorias mentais da primeira comunidade cristã – todos eles judeus – para avaliar este gesto sacramental e o encargo de transmiti-lo às comunidades seguintes?⁵

Sem negar a originalidade que as palavras e gestos de Jesus representaram na última ceia, este artigo tem como objetivo evidenciar a linha de continuidade entre a Festa Judaica de *Pessach* e a Festa Pascal Cristã. O acontecimento principal que autorizou essa aproximação foi a paixão, morte e ressurreição de Jesus ter ocorrido em contexto pascal.

No primeiro capítulo, será analisado o fato de os evangelhos sinóticos descreverem a última ceia de Jesus como uma refeição Pascal. Se a festa da Páscoa já se fizera presente em vários momentos na vida de Jesus, será a ceia de despedida, tomada em contexto pascal (Mc 14,22-24; Mt 26,26-29; Lc 22,15-20), que enche de significado a oblação de Jesus, concebida como libertação definitiva que Deus oferece a seu povo e como firmamento de uma nova e eterna aliança (Lc 22,20; Mt 26,28; 1Cor 11,25).

Assim como o povo hebreu toma a refeição na noite antecedente à sua libertação do Egito, Jesus, em um gesto profético, ceia com seus discípulos no dia anterior à sua oblação na cruz, com a qual realiza o cumprimento pleno e escatológico da libertação do pecado em favor do novo Israel. Será visto que um importante elemento ritual que aproxima a duas festas é o sangue, derramado para o resgate de muitos e para o firmamento de uma nova aliança.

⁴ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 52.

⁵ ALDAZÁBAL, J., A Eucaristia, p. 21.

No segundo capítulo, será analisado o Evangelho que João, o qual descreve a última ceia de Jesus não como uma refeição pascal, mas como sendo realizada um dia antes da Festa da Páscoa. Apesar de esse fato apresentar uma controvérsia cronológica, o Quarto Evangelho, na verdade, almeja identificar o sacrifício de Jesus com o sacrifício do Cordeiro Pascal (Jo 1,36; 1Cor 5,7): imolados na mesma hora e dos quais não se quebram os ossos. Dessa forma, a partir da interpretação tipológica do cordeiro, João inscreve todo o mistério cristão dentro do contexto pascal, sendo a morte de Jesus um sacrifício expiatório em favor de muitos.

Ao fim deste artigo, pretende-se demonstrar ao leitor que a páscoa cristã foi elaborada e concebida pelos primeiros cristãos dentro do horizonte semântico e de significações da Páscoa Judaica, de modo que só se entende todo o alcance teológico da morte e ressurreição de Cristo se inscrevem-las como um “mistério pascal”.

1. A última ceia segundo os Sinóticos

Os Evangelhos Sinóticos testemunham Jesus, desde criança, subindo a Jerusalém para a *Pessach*, acompanhado de seus pais *que iam todos os anos a Jerusalém para a Festa da Páscoa* (Lc 2,41). Também quando adulto, Jesus certamente celebrou, com seus familiares e mais tarde com seus discípulos, outras Páscoas, pois todo israelita a partir de vinte anos, tinha a obrigação de celebrar a *Pessash*, se estivesse em estado de pureza ritual.⁶ Contudo, sem dúvida, a Páscoa mais importante do Nazareno foi a última, quando se reuniu e celebrou com seus discípulos, na véspera de sua prisão e posterior crucificação.⁷

Os três evangelistas sinóticos afirmam, explicitamente, que essa última ceia foi a ceia ritual de *Pessash* (Mt 26,17.18.19; Mc 14,12.14.16; Lc 22,7.8.11.13.15). Mesmo existindo particularidades próprias em cada evangelista, os sinóticos possuem certa semelhança nas narrativas tanto da preparação (Mc 14,12-16; Mt 26,17-19; Lc 22,7,13), quanto da ceia pascal em si (Mc 14,22-24; Mt 26,26-29; Lc 22,15-20).⁸ Isso ocorre porque, possivelmente, os textos de Mateus e Lucas dependem do de Marcos, primeiro a ser escrito.

⁶ CARMO FILHO, A., Da páscoa judaica à eucaristia cristã, p. 40.

⁷ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 37-38.

⁸ SANTOS, L., A festa da Páscoa, p. 178.

Há ainda o relato de Paulo, presente em 1Cor 11,23-25, em que, para argumentar contra a falta de fraternidade em Corinto,⁹ Paulo escreve sobre a última ceia de Jesus com seus discípulos; *eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti* (1Cor 11,23). Enquanto as narrativas dos sinóticos trazem uma relação bastante nítida entre a última ceia e a paixão de Jesus, o relato de Paulo tem cunho litúrgico-pastoral.

Apesar de variações em detalhes, essas quatro fontes concordam na essência das palavras usadas e também no significado do rito. O acordo se deve ao fato de que, na realidade, as quatro fontes se reduzem a duas: Mt e Lc dependem de Mc. (...) Segundo muitos críticos modernos, tanto a fórmula [da eucaristia] de Mc como a de Paulo são fórmulas litúrgicas: a fórmula de Mc seria a fórmula das comunidades palestinas, ao passo que a de Paulo seria a fórmula das comunidades helenísticas.¹⁰

Os sinóticos, além da menção explícita de que a última ceia de Jesus se tratava da *Pessach*, apresentam ainda três descrições que corroboram com a tese de a ceia ser pascal: (i) a refeição é “preparada”; (ii) é tomada dentro da cidade de Jerusalém; e (iii) é enquadrada por uma liturgia que inclui, entre outras coisas, a recitação do *Hallel* (Mc 14,26p).¹¹

Conforme a descrição dos últimos dias de Jesus apresentada por Vicente Serrano à luz do Evangelho de Marcos, Jesus se encontrava, antes da última ceia, na cidade de Betânia, distante por volta de 3km de Jerusalém. Faltando dois dias para a Páscoa e os Ázimos judaicos (Mc 14,1), após ser ungido por uma mulher na casa de Simão, o leproso (14,2-8), Jesus manda dois de seus discípulos irem a Jerusalém para prepararem a ceia pascal.¹²

Considerando a formulação que a Festa da Páscoa possuía desde a reforma de Josias, o “preparar” a refeição é muito característico dessa ceia, o qual significava, precipuamente, a imolação do cordeiro no Templo de Jerusalém feito pelos sacerdotes. “Os representantes de cada família ‘preparavam a Páscoa’ (i.e., pediam aos sacerdotes que sacrificassem para eles um cordeiro no templo) e, então, retornavam com o animal para a refeição, que ocorria mais tarde, depois do pôr do sol”.¹³ Jesus, enquanto chefe do grupo, toma a iniciativa e pede para preparar a Páscoa.

⁹ D’ANNIBALE, M. A., *A Celebração Eucarística*, 2005, p. 124.

¹⁰ MACKENZIE, J., *Eucaristia*, p. 315.

¹¹ BONNARD, P., *Páscoa*, p. 722.

¹² SERRANO, V., *A Páscoa de Jesus em seu tempo*, p. 38-39.

¹³ KEENER, C., *Comentário histórico-cultural da Bíblia*, p. 128.

Além da imolação do cordeiro, Serrano descreve, detalhadamente, no que consistia essa preparação, tendo como base o Tratado do *Pesahim*:¹⁴

Tinham de comprar o cordeiro no mercado dos animais, sacrificá-lo no templo após o meio-dia, em um dos três turnos, e depois assá-lo em casa. Mas, além disso, tinham de percorrer o barulhento mercado em que se transformavam as estreitas ruas de Jerusalém para comprar o vinho, os pães ázimos, as ervas amargas, o *haróset*,¹⁵ o óleo para as lâmpadas, e tudo aquilo que fosse indispensável para celebrar com alegria e conforme a tradição dos mais velhos a grande festa. Também tinham de preparar a sala, com a mesa e os divãs, embora já estivesse previamente disposta para receber os peregrinos, como era costume em Jerusalém.¹⁶

Sobre a preparação da ceia pascal, confira também o ensinamento de Cesare Giraudo, considerado uma das maiores autoridades em liturgia na atualidade:

Os evangelistas prosseguem sublinhando mais vezes, em Jesus e nos discípulos, a preocupação por “preparar”: duas vezes em Mt e quatro vezes em Mc/Lc. Embora seja em si genérico, o verbo “preparar” assume um colorido pascal por causa da especificação que o acompanha: “preparar para comer a páscoa” (Mt) ou simplesmente “preparar a páscoa”. A expressão nos leva àquele complexo de preparativos que no Tratado *Pesahim* [cordeiros-pascais] da *Mishná* se encontravam codificados até nos mínimos detalhes. Estes vão da preparação da casa mediante a acurada eliminação do fermento, à preparação do cordeiro (aquisição, imolação no Templo, transporte para casa e cozimento) e, além disso, à preparação de tudo o que era preciso para o banquete pascal (vinho, ázimos, ervas amargas, *haróset* etc.).¹⁷

Tendo pedido a seus discípulos que lhe preparassem a ceia, Jesus, ao entardecer daquele dia, sobe a Jerusalém com os Doze (Mc 14,17). Desde a centralização do culto realizada pelo rei Josias, a imolação do cordeiro só poderia ocorrer no Templo de Jerusalém após o meio-dia. Isso explica o fato de Jesus e os vários peregrinos judeus terem que subir à capital para tomar a ceia pascal, que ocorria no entardecer daquele mesmo dia. De fato, tendo que imolar

¹⁴ O Tratado de *Pesahim* é um dos capítulos que compõe a *Mishna*. O *Pesahim* contém as leis relativas à festa de *Pessach*. Esse texto fornece informações numerosas e detalhadas sobre como se celebrava a páscoa no judaísmo pós-bíblico, portanto, no tempo de Jesus (GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 97).

¹⁵ *Haróset* era uma espécie de pasta ou geleia feita com figos ou maçãs, amêndoas ou nozes raladas, canela e vinho, que era usado no *seder* judaico para lembrar a argamassa usada nos tijolos que eram feitos pelos hebreus no Egito (SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 157).

¹⁶ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 39.

¹⁷ GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 132.

o cordeiro do Templo de Jerusalém, não seria possível manducá-lo fora dos muros dessa cidade.¹⁸

Estando tudo preparado, Jesus toma a ceia solene com seus apóstolos, durante a qual ocorrem alguns gestos precisos e solenes que são próprios da Ceia Pascal. No final da ceia, Jesus e seus discípulos recitam o *Hallel*. Conforme o Tratado do *Pesahim* (Pes X,7), apenas na ceia pascal (ao final, sob o quarto cálice), recitava-se o *Hallel*, composto pelos Salmos 115 a 118.¹⁹ O liturgista Giraudo arremata: “a noite de páscoa era, com efeito, a única noite em todo o ano que comportava a recitação do *Hallel*”.²⁰

A relação *Hallel*-Páscoa é essencial na tradição judaica, de tal modo que não é possível celebrar a páscoa sem cantar o *Hallel*. Apenas ele expressa dignamente, com palavras de Deus e no modo que a ele agrada, a fé e a alegria de Israel por ter sido salvo.²¹

Desse modo, conforme Giraudo, pode-se “falar da última ceia do Senhor, não só como de um banquete ritual, ordinário ou festivo, senão como de uma verdadeira celebração pascal judaica”.²² Para uma argumentação mais detalhada que ratifica ser a última ceia do Senhor o *seder*²³ de *Pessach*, confira os 10 argumentos de Cesare Giraudo, presentes em sua obra *Num só corpo*, nas páginas 131 a 143, ou ainda os 14 indícios apresentados por Joachim Jeremias, na obra *La ultima cena*, nas páginas 42 a 64.²⁴

Nesse sentido, estabelecendo-se a relação entre a *Pessach* Judaica e a Nova Páscoa Cristã, abre-se para os cristãos um horizonte fértil para interpretar e compreender a última ceia do Senhor como um “gesto profético”.²⁵ Assim como o povo hebreu toma a refeição na noite precedente à sua libertação do Egito, Jesus, em um gesto profético, ceia com seus discípulos no dia anterior à sua oblação na cruz, com a qual realiza o cumprimento pleno e escatológico da libertação do pecado em favor do novo Israel.

Anunciando a libertação definitiva que Deus oferece a seu povo e o firmamento de uma nova e eterna aliança (Lc 22,20; Mt 26,28; 1Cor 11,25), a última ceia de Jesus

¹⁸ KEENER, C., Comentário histórico-cultural da Bíblia, p. 191.

¹⁹ ALDAZÁBAL, J., A Eucaristia, p. 48.

²⁰ GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 143.

²¹ NERI, U., Aleluya, p. 17-19.

²² GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 131.

²³ Pelo termo *seder*, entende-se o conjunto de ritos e costumes que regulam a ceia pascal tomada em ambiente familiar (SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 160).

²⁴ Para os argumentos supracitados, confira GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 131-143; JEREMIAS, J., La ultima cena, p. 42-64. Toda essa questão precisa ser defendida, pois João afirma que essa ceia ocorreu um dia antes da ceia pascal (Jo 13,1). Sobre tal divergência, iremos nos ocupar mais adiante, no segundo capítulo “A última ceia segundo João”.

²⁵ GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 95.

tem seu conteúdo relacionado, pelos sinóticos, com a ceia judaica de *Pessach*, “talvez pensando mais em seu aperfeiçoamento que em sua substituição”.²⁶

Um elemento ritual que ajuda a compreender esse aperfeiçoamento de sentido é o rito do sangue. Se para os pastores nômades o sangue possuía força protetora contra poderes malignos, sendo esse significado assumido pelos judeus que, após imolar o cordeiro, passavam seu sangue nos umbrais das portas para evitar a ação do Anjo Destruidor (Ex 12,13), o sangue de Jesus, a que faz remissão o vinho do cálice da bênção, será derramado em favor do resgate de muitos, como remissão do pecado (Mt 26,28).²⁷ Com razão, sendo a última ceia um *seder* pascal, faz sentido a ligação do rito apotropaico do sangue dos pastores nômades com o anúncio e posterior derramamento do sangue de Jesus na Cruz, com sentido propiciatório e expiatório.

Mais que isso, após Israel sair da escravidão em direção à terra prometida, os hebreus celebram uma aliança com seu Deus no monte Sinai (Ex 24,6-8) quando se comprometem a ser seu povo, “reino de sacerdotes e nação santa” (Ex 19,6). Para selar a aliança, Moisés, em Ex 24,1-9, imola novilhos para tomar o sangue e o aspergir sobre o altar e o povo: *este é o sangue da Aliança que Iahweh fez convosco, através de todas essas cláusulas* (Ex 24,8).

Esse significado é retomado por Jesus e a tradição neotestamentária. Em sua última Páscoa, Jesus anuncia que seu sangue, representado pelo vinho, será usado para o firmamento de uma nova e eterna aliança com seu povo (Lc 22,20; Mt 26,28; 1Cor 11,25), cumprindo, desse modo, a profecia de Jeremias presente no capítulo 31, versículos 31 a 34.²⁸

Como outrora no Sinai, o sangue das vítimas selou a aliança de Iahweh com o seu povo (Ex 24,4-8+; Gn 15,1+), assim, sobre a cruz, o sangue da vítima perfeita, Jesus, selaria a “nova” aliança entre Deus e os homens (Lc 22,20), a qual os profetas tinham anunciado (Jr 31,31+). Jesus atribui a si a missão de redenção universal que Isaías havia atribuído ao “Servo de Iahweh” (Is 42,6; 49,6; 53,12; cf. 42,1+; Hb 8,8; 9,15; 12,24). A ideia de nova aliança está presente também em Paulo, não só em 1Cor 11,25, mas em diversos outros contextos que mostram sua grande importância (2Cor 3,4-6; Gl 3,15-20; 4,24).²⁹

²⁶ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 52.

²⁷ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 52.

²⁸ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 52; KEENER, C., Comentário histórico-cultural da Bíblia, p. 128.

²⁹ BÍBLIA de Jerusalém, p. 1752.

Conforme Simon Legasse, a expressão presente em Mc-Mt “isto é o meu sangue, o sangue da aliança” (Mt 26,28; Mc 14,24) é interpretado pelos cristãos mediante uma aproximação de Ex 24,6-8 (aliança no Sinai) e Jr 31,31-34 (promessa de uma nova aliança, gravada nos corações). Isso porque a profecia de Jeremias não faz nenhuma menção a sangue ou a sacrifício para o firmamento de uma nova aliança; ao revés, tudo ocorreria no plano moral da obediência e da fidelidade profunda, com o qual Deus concede seu perdão.³⁰ “A narração une a aliança do Sinai (‘sangue da Aliança’) e a ‘nova Aliança’ segundo Jr 31,31”.³¹

“Se o Novo Testamento diz que a nova aliança é selada por um sacrifício sangrento, foi porque um acontecimento veio se interpor: a morte de Jesus no Calvário”³². Mackenzie arremata: “Jesus, como vínculo da nova Aliança por meio de sua morte, é a vítima do sacrifício da Aliança”.³³ Nesse sentido, com o sangue derramado de Jesus, o vínculo de Aliança foi inteiramente reatada com Deus, uma aliança mais perfeita, que ab-roga a primeira (Hb 8,6-13).³⁴

Por todo o exposto, vê-se que Jesus aperfeiçoa o sentido da festa pascal. Enquanto memorial da libertação do povo de Israel, a Páscoa, ao ser celebrada pelos cristãos na memória de Jesus, implica reconhecer ser Ele o Libertador. A libertação iniciada com a saída do Egito chega ao seu cumprimento pleno e escatológico na Pessoa de Cristo, que plenifica e realiza essa libertação. A Páscoa cristã, inclui a libertação do Egito, mas engloba todas as libertações possíveis enquanto salvação na pessoa de Jesus.³⁵

É um a refeição com claro tom pascal. Seja qual for a conclusão sobre o fato de ter sido ou não estritamente pascal, a última ceia teve, pela proximidade da festa, uma orientação pascal, com o que a páscoa comporta de memorial, alegria, renovação da aliança, louvor, bênção escatológica e laços comunitários.³⁶

2. A última ceia segundo João

Para o autor do Quarto Evangelho, a última ceia que Jesus tomou com seus apóstolos não foi uma ceia pascoal, tendo sido realizada um dia antes do *seder* pascal

³⁰ LEGASSE, S., A eucaristia, nova aliança, p. 45. Sobre a diferença de nuance entre as alusões a Ex 24,6-8 e Jr 31,31-34, são importantes os ensinamentos de BENTO XVI, PP., Jesus de Nazaré, p. 120-121.

³¹ PERRON, C., A Eucaristia no Novo Testamento, p. 48.

³² LEGASSE, S., A eucaristia, nova aliança, p. 45.

³³ MACKENZIE, J., Eucaristia, p. 316.

³⁴ PERRON, C., A Eucaristia no Novo Testamento, p. 93.

³⁵ GONÇALVES, H. R., A Festa da Páscoa, p. 36.

³⁶ ALDAZÁBAL, J., A Eucaristia, p. 78.

(Jo 13,1: *antes da festa da páscoa*). Ainda que o Quarto Evangelho não exclua peremptoriamente o fato de que esta ceia seja pascal,³⁷ é preciso reconhecer que João parece fazer coincidir a páscoa com o dia seguinte, indicado como “o grande sábado”³⁸ (Jo 19,31).³⁹ Os autores Michl e Bauer explicam essa controvérsia:

Os sinóticos descrevem a última refeição de Jesus como sendo a refeição ritual da Páscoa (Mc 14,12-16par.; Lc 22,15), de sorte que Jesus, então, teria morrido no dia 15 de *nisan*. Segundo Jo, porém, que igualmente relata essa refeição (13,1-30), ela deveria acontecer no dia 13, à noite (= início do dia 14), de sorte que Jesus teria sido morto no dia 14 (18,28; 19,14).⁴⁰

Estabelece-se, portanto, o que os autores chamam de “controvérsia cronológica” entre os Sinóticos e João: se para os sinóticos a última ceia foi pascal, ela não parece ter sido ao Quarto Evangelho, em que os acusadores de Jesus “não entram no Pretório para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa” (Jo 18,28).⁴¹ Entrar na casa de gentios constituía, de fato, uma impureza legal.⁴² O relato de Jo 19,14 diz ainda claramente que os judeus ainda não tinham comido a ceia pascal quando Jesus morreu.⁴³ Por fim, é difícil admitir, do ponto de vista das tradições e do pensamento judaico, que, haja vista o caráter sagrado da Festa da Páscoa, tivesse lugar naquele dia solene o processo de condenação e crucificação de Jesus.⁴⁴

Essa controvérsia parece ser de difícil solução para os que desejam uma leitura concordística dos textos. Algumas soluções já foram apresentadas, sem apresentar resposta satisfatória.⁴⁵

Serrano afirma que os relatos da última ceia não apresentam intenção histórica, mas são expressões litúrgicas das mesmas expressões com que os cristãos celebravam sua fé, seguindo o mandato de Jesus “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19; 1Cor 11,24s). Nesse sentido, os relatos dos

³⁷ MACKENZIE, J., Páscoa, p. 696.

³⁸ O Quarto Evangelho chama de “Grande sábado” porque, naquele ano (30 ou 33 d.C.), o 15º dia de *nisã* (Festa da Páscoa e dos Azimos) cairia em um sábado, dia em que os judeus já cessariam o trabalho e realizariam o culto.

³⁹ GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 127.

⁴⁰ MICHL, J.; BAUER, J. B., Páscoa (NT), p. 312.

⁴¹ GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 127.

⁴² BÍBLIA de Jerusalém, p. 1889.

⁴³ MACKENZIE, J., Páscoa, p. 696.

⁴⁴ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 43; MACKENZIE, J., Eucaristia, p. 316.

⁴⁵ Para saber as principais respostas exegéticas já apresentadas para solucionar a controvérsia cronológica sobre esse tema, confira SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 43-45, em que são trabalhadas as teorias de Annie Jaubert, Josef Klausner e Kurt Schubert.

sinóticos e de Paulo são anteriores a seus autores e são tomados da liturgia eucarística da Igreja primitiva.⁴⁶ “A redação é influenciada pela liturgia e reflete o modo de sua celebração”.⁴⁷

Os teólogos Cesare Giraudó e Joachim Jeremias, por outro lado, preferem defender nos sinóticos uma cronologia histórica, ao passo que no Quarto Evangelho, uma cronologia teológica.⁴⁸ De fato, para João, importa apresentar seu relato de modo a fazer coincidir a pessoa de Jesus com o cordeiro pascal imolado no templo.⁴⁹

Por outro lado, há estudos que defendem que o relato de João é o mais histórico, de modo que as narrativas dos sinóticos possuem clara intenção teológica:

Exclui-se isso [a última ceia de Jesus ser uma ceia pascal] quase unanimemente (diversamente Pesch 1978), porque o motivo acha-se somente em enquadramento secundário. A eucaristia como a “verdadeira” ceia pascal é uma interpretação teológica paralela à concepção de Jesus como o “verdadeiro” cordeiro pascal (ICor 5,7; Jo 18,28;19,14.31s).⁵⁰

De todo o modo, Serrano esclarece que a divergência entre os evangelhos é uma questão mais teológica que histórica.⁵¹ Se João não quis descrever a ceia de Jesus como pascal – um dado que, à época da redação de Jo, já deveria ser conhecido pelos leitores dos sinóticos –, é porque tinha outra intenção teológica: identificar Jesus com o cordeiro pascal imolado no Templo.

João prefere sublinhar esse fato [páscoa judaica] inserindo em seu evangelho diversas alusões a Jesus-Cordeiro (Jo 1,29.36) e fazendo coincidirem, na tarde do dia 14 de *nisan*, a imolação do cordeiro (18,28; 19,14.31.42) e a morte na cruz da verdadeira vítima pascal (19,36).⁵²

De qualquer modo, se a última ceia de Jesus foi pascal ou ocorreu no dia anterior à páscoa, o importante é que, teologicamente, o contexto era pascal.⁵³

⁴⁶ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 51.

⁴⁷ ALDAZÁBAL, J., A Eucaristia, p. 75.

⁴⁸ GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 128; JEREMIAS, J., La ultima cena.

⁴⁹ JEREMIAS, J., Πάσχα, p. 974 apud GIRAUDO, C., Num só corpo, p. 128.

⁵⁰ FRANKEMÖLLE, H., Eucaristia (Ponto de vista da teologia bíblica), p. 273.

⁵¹ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 42.45.

⁵² BONNARD, P., Páscoa, p. 722.

⁵³ “Os Evangelhos, como se sabe, nasceram da fé da comunidade, e não o contrário” (SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 48).

“Uma coisa é evidente, como já destacamos: que João e os sinóticos delimitaram a ceia de Jesus num contexto de Páscoa”.⁵⁴

Nesse sentido, João almeja apresentar uma interpretação teológica da morte de Jesus, fazendo-o morrer na hora em que os cordeiros pascais estão sendo imolados no templo,⁵⁵ de modo que todo o mistério de Jesus seja considerado em linhas pascais.⁵⁶ Mackenzie chega a afirmar que tem sido sugerido que João modificou a data, a fim de relacionar a morte de Jesus com a imolação do cordeiro pascal.⁵⁷

Por outro lado, a significação da morte de Jesus se apoia na simbologia pascal. Jesus é o verdadeiro cordeiro pascal (Jo 1,29; Ap 5,6.12), imolado na hora em que se sacrificava no Templo os cordeiros destinados à refeição pascal (Jo 18,28; 19,36 que cita Ex 12,46 e Sl 34,21).⁵⁸

Conforme o Tratado *Pesahim* V,I, os cordeiros pascais era sacrificados após o meio-dia, quando todo tipo de trabalho cessava definitivamente.⁵⁹ O Quarto Evangelho, ao definir que a refeição pascal ocorreu no noite posterior à morte de Jesus, almeja identificá-lo com o cordeiro pascal. De fato, depois da morte de Cristo, não lhe quebraram as pernas, como aos outros condenados (Jo 19,33). João vê nesse fato a realização de uma prescrição ritual referente ao cordeiro pascal (Jo 19,36; Ex 12,46).⁶⁰ “Jesus é o autêntico cordeiro pascal em quem tudo se cumpre e do qual tanto o cordeiro imolado no Egito como todos os outros cordeiros sacrificados até agora não passaram de uma prefiguração”.⁶¹

Essa tradição que concebe Cristo como o “verdadeiro cordeiro pascal” (Prefácio da Missa de Páscoa) encontra fundamentação já no começo do Quarto Evangelho, quando João Batista declara Jesus como o “cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29.36). Apesar de os exegetas argumentarem que o

⁵⁴ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 43. Confira ainda: MACKENZIE, J., Páscoa, p. 696. O autor Serrano acrescenta que: “apenas nela teriam pleno sentido seus gestos e suas palavras” (SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 39).

⁵⁵ TABORDA, F., O memorial da Páscoa do Senhor, p. 50.

⁵⁶ ALDAZÁBAL, J., A Eucaristia, p. 71-72.

⁵⁷ MACKENZIE, J., Paixão, p. 680.

⁵⁸ BRIEND, J., Páscoa, Teologia Bíblica, p. 1350.

⁵⁹ SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 28.

⁶⁰ BOISMAN, M-É., Cordeiro de Deus, p. 179.

⁶¹ JEREMIAS, J., La ultima cena, p. 245, tradução nossa.

Cordeiro Pascal não possui claramente função sacrificial e, portanto, de perdão dos pecados,⁶² há aqui mais uma identificação de Jesus com o cordeiro (no grego, *amnos*).

Há ainda outros livros do Novo Testamento que apresentam Jesus como o cordeiro. *Amnos* é também empregado em At 8,32 e 1Pd 1,19 em referência a Cristo. O Apocalipse usa ainda, abundantemente (28 vezes), a palavra *arnion*, que significa igualmente “cordeiro”, para designar Cristo (Ap 5,6.12.13).⁶³ A alusão de que Cristo seja o verdadeiro cordeiro pascal encontra ainda fundamento na tradição paulina, quando em 1Cor 5,7, o apóstolo dos gentios usa a expressão: “nossa Páscoa, o Cristo, foi imolado”.

Enquanto no templo milhares de cordeiros eram imolados, às portas da cidade morria desconhecido o verdadeiro cordeiro pascal, ao qual, segundo a vontade de Deus, nenhum osso poderia ser quebrado (Jo 19,36; Ex 12,46; 12,10 LXX; Nm 9,12; Sl 33,21).⁶⁴

A interpretação tipológica de que Cristo seja o verdadeiro cordeiro pascal fez com que os padre latinos interpretassem a morte de Jesus à luz das categorias pascais, de modo que a imolação de Cristo é concebido como a realização de todas as figuras e de todas as esperanças contidas na antiga Páscoa. Um dos testemunhos escritos mais antigos é o de Melitão de Sardes que, ainda no séc. II d.C., faz essa interpretação: “A lei toma-se Verbo, o velho toma-se novo, o tipo toma-se realidade, o cordeiro toma-se o Filho”.⁶⁵

Distanciando-se dos sinóticos, o Quarto Evangelho, ao exprimir, pois, que todo o mistério de Jesus é pascal,⁶⁶ abre novos horizontes para se enriquecer de significados pascais a *passagem* de Cristo ao Pai (Jo 13,1), fazendo com que os primeiros discípulos reinterpretem todos os fatos da vida de Jesus, vendo neles a definitiva realização da Páscoa antiga. “A Igreja herdou, pois, de Israel a sua festa de Páscoa; esta, porém, na passagem de Israel para a Igreja, mudou de conteúdo; tomou-se memorial de outro fato”.⁶⁷

⁶² BAUER, J. B., Cordeiro de Deus, p. 71; MICHL, J.; BAUER, J. B., Páscoa (NT), p. 312; HAUDEBERT, H., Cordeiro de Deus, p. 329. Os autores que problematizam o fato de que o Cordeiro não possui caráter sacrificial defendem que a expressão “Cordeiro de Deus” usada no começo do Quarto Evangelho por João Batista faz referência ao “Servo Sofredor” de Is 53,7.12 e 42,1-4, aquele que como cordeiro é conduzido ao matadouro e que leva sobre si os pecados de muitos.

⁶³ HAUDEBERT, H., Cordeiro de Deus, p. 328.

⁶⁴ JEREMIAS, J., La ultima cena, p. 86, tradução nossa.

⁶⁵ MELITÃO DE SARDES, Sur la Pâque 7, p. 62 *Apud* CANTALAMESSA, R., O mistério da Páscoa, p. 10.

⁶⁶ ALDAZÁBAL, J., A Eucaristia, p. 71-72.

⁶⁷ CANTALAMESSA, R., O mistério da Páscoa, p. 10.

Sendo assim, a respeito da controvérsia cronológica, pode-se concluir que, ocorrendo a morte de Jesus nas proximidades do dia da Páscoa Judaica, os evangelistas sinóticos e João tomam, cada um a seu modo, as categorias pascais para interpretar o mistério de Cristo. Os sinóticos preferem descrever a última ceia como uma refeição pascal.⁶⁸ João, ao contrário, prefere fazer coincidir, na tarde do dia 14 de *nisan*, a imolação do cordeiro com a morte de Jesus na cruz, de modo que Cristo seja identificado como o verdadeiro cordeiro pascal.⁶⁹

A Páscoa comemorava o grande acontecimento salvífico, a libertação de Israel da escravidão e sua constituição como povo de Iahweh; a fonte P do Pentateuco apresenta a primeira ceia pascal no Egito como antecipação do evento salvífico que iria ocorrer naquela noite. E também a nova Páscoa é precedida por uma ceia, na qual o novo cordeiro pascal, cujo sangue sobre as portas era um sinal de libertação, é consumido pelos discípulos, que constituem o pequeno núcleo do novo Israel. O cordeiro é consumido sacramentalmente.⁷⁰

De toda a forma, há de se reconhecer que a simbologia pascal está presente tanto na morte de Jesus como no ato profético de sua última ceia. Morrendo próximo a celebração da Páscoa, todo o evento da paixão, crucificação e morte de Jesus é interpretado à luz das categorias da páscoa judaica.

Conclusão

Este artigo se debruçou sobre a última ceia de Jesus, tomada com seus discípulos, na noite anterior à sua oblação na Cruz, com o objetivo de demonstrar que a Páscoa Judaica é o horizonte hermenêutico-teológico que os primeiros discípulos e autores do Novo Testamento usarão para interpretar o mistério pascal de Cristo.

Foi visto que, para os sinóticos, esta última ceia de Jesus é um *seder* pascal: a ceia é preparada (por dois discípulos de Jesus), é tomada dentro dos muros de Jerusalém e inclui, ao final, a recitação do *Hallel*. Para João, contudo, a ceia de despedida de Jesus é tomada um dia antes da Festa da Páscoa. Isso porque, para o Quarto Evangelista, importa fazer com que a imolação dos cordeiros no Templo coincida com a morte de Jesus na Cruz, de modo que o

⁶⁸ BRIEND, J., Páscoa, Teologia Bíblica, p. 1350.

⁶⁹ BONNARD, P., Páscoa, p. 722.

⁷⁰ MACKENZIE, J., Eucaristia, p. 316.

“êxodo” de Jesus – “passagem” deste mundo pecador para o “Reino do Pai” (Jo 13,1) – seja interpretado à luz das categorias pasciais.

De um modo ou outro, haja ou não coincidência imediata entre a última Ceia e a páscoa judaica, a reflexão cristã soube logo explorar a riqueza da temática da libertação pascal, interpretando o mistério cristão no sentido mais de aperfeiçoamento que de superação.⁷¹

É com esse pano de fundo que devemos ler a páscoa cristã, a última refeição de Jesus certamente decorre num contexto pascal, que fornece seu colorido às palavras e gestos de Jesus na Ceia. Os primeiros cristãos, depois da ressurreição, certamente utilizaram o simbolismo pascal para esclarecer a morte e a ressurreição de Jesus, bem como a celebração da Ceia.⁷²

Ao ressignificar a Páscoa Judaica, os cristãos reconhecem que a libertação iniciada com a saída do Egito chega ao seu cumprimento pleno e escatológico na Pessoa de Jesus, que plenifica e realiza essa libertação. Dando a comer o seu corpo e a beber o seu sangue derramado, Jesus descreve a sua morte como o sacrifício da Páscoa da qual ele é o novo Cordeiro.

A problemática cronológica entre os Sinóticos e João acerca do dia da morte de Cristo configura-se, assim, mais como uma questão teológica. Parece que os sinóticos, ao fazer coincidir a ceia de Jesus com a ceia pascal, querem dar a entender que a Eucaristia cristã seja a nova Páscoa. Mas também em Jo poderíamos ver uma intenção: interpretando a Eucaristia como novidade radical, e não como nascida da ceia pascal. De toda a forma, “A Páscoa se impõe como referência à Ceia”.⁷³

A Eucaristia é mais bem compreendida em toda sua riqueza no contexto pascal da ceia do Senhor. A Páscoa judaica, festa de libertação do Egito, ganha novo significado com a Páscoa de Jesus, vitória definitiva sobre todos os inimigos, inclusive sobre a morte.⁷⁴

O Antigo Testamento forma, portanto, “tipos” ou “figuras” da verdadeira realidade salvífica-libertadora ocorrida na pessoa de Jesus Cristo, enviado pelo Pai na plenitude dos tempos. Isso implica que Ele é o *verdadeiro* Libertador, o *autêntico* cordeiro pascal, o instituidor da Aliança *perfeita*. Isso impõe

⁷¹ PERROT, C., A Eucaristia no Novo Testamento, p. 93; SERRANO, V., A Páscoa de Jesus em seu tempo, p. 52.

⁷² MARCHADOUR, A., A Páscoa, p. 25.

⁷³ BEAUCHAMP, P., A Eucaristia no Antigo Testamento, p. 47.

⁷⁴ CNBB, Eucaristia, vida que se celebra, p. 5.

reconhecer que a libertação definitiva – salvação – só acontece em Cristo, verdadeiro Libertador de todas as opressões do pecado e do mal. Jesus é a culminância dessa história⁷⁵ em que se experimenta a ação salvífica de Deus.

Referências bibliográficas

- ALDAZÁBAL, J. **A Eucaristia**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUER, J. B. Cordeiro de Deus. In: BAUER, J. B.; MARBÖCK, J.; WOSCHTTZ, Karl (Orgs.). **Dicionário Bíblico-Teológico**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 71-72.
- BEAUCHAMP, P. A Eucaristia no Antigo Testamento. In: BROUARD, Maurice (Org.). **Eucharistia: enciclopédia de Eucaristia**. São Paulo: Paulus, 2006. p. 47-64.
- BENTO XVI, PP. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.
- BOISMAN, M-É. Cordeiro de Deus. In: LÉON-DUFOUR, X. et al. (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 178-179.
- BONNARD, P. Páscoa. In: LÉON-DUFOUR, X. et al. (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 718- 723.
- BRIEND, J. Páscoa, Teologia Bíblica. In: LACOSTE, J-Y (Dir.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Loyola / Paulinas, 2014. p. 1348-1351.
- CANTALAMESSA, R. **O mistério da Páscoa**. Aparecida: Santuário, 1993.
- CARMO FILHO, A. **Da páscoa judaica à eucaristia cristã**. São Leopoldo, 2003. 54p. Dissertação. Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia.
- CNBB. **Eucaristia, vida que se celebra: para viver melhor o mistério da Eucaristia na vida**. São Paulo: Paulinas, 2000. (Rumo ao Novo Milênio, 51).
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Vozes, 1991.

⁷⁵ DV 4.

- D'ANNIBALE, M. Á. A Celebração Eucarística. In: CELAM (Org.). **Manual de Liturgia III**. A celebração do Mistério Pascal. Os sacramentos: sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2005, p. 121-186. v.3.
- FRANKEMÖLLE, H. Eucaristia (Ponto de vista da teologia bíblica). In: EICHER, P. (Dir.). **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993. p. 271-275.
- GIRAUDO, C. **Num só corpo**: tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2014.
- GONÇALVES, H. R. **A Festa da Páscoa**. São Paulo, 2013. 50p. TCC. Faculdade Nossa Senhora da Assunção, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- HAUDEBERT, P. Cordeiro de Deus. In: **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola / Paulinas / Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2013. p. 328-329.
- JEREMIAS, J. **La ultima cena**: palabras de Jesús. Madrid: Cristiandad, 2003.
- JEREMIAS, J. Πάσχα. In: KITTEL, G; FRIEDRICH, G (Orgs.). **Grande Lessico del Nuevo Testamento**. Brescia: Paideia, 1975. p. 974.
- KEENER, C. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- LEGASSE, S. A eucaristia, nova aliança. In: VV. AA. **A Eucaristia na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 1985. p. 45-46.
- MACKENZIE, J. Eucaristia. In: MACKENZIE, J. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 314-317.
- MACKENZIE, J. Paixão. In: MACKENZIE, J. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 678-681.
- MACKENZIE, J. Páscoa. In: MACKENZIE, J. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 696.
- MARCHADOUR, A. A Páscoa: sua evolução até o tempo de Jesus. In: VV. AA. **A Eucaristia na Bíblia**. São Paulo, Paulus: 1985. p. 20-25.
- MELITÃO DE SARDES. **Sur la Pâque**. Paris: Le Cerf, 1966. (Source Chrétiennes, 123)
- MICHL, J; BAUER, J. B. Páscoa (NT). In: BAUER, J. B.; MARBÖCK, J; WOSCHTITZ, K. (Orgs.). **Dicionário Bíblico-Teológico**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 311-312.
- NERI, U. **Aleluya**. Bilbao: DDB, 1989.



ISSN 2763-9762

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2022v2n4p166

PERROT, C. A Eucaristia no Novo Testamento. In: BROUARD, M. (Org.). **Eucharistia**: enciclopédia de Eucaristia. São Paulo: Paulus, 2006. p. 79-118.

SANTOS, L. A festa da Páscoa: um olhar panorâmico em sua gênese e evolução. **Revista de Cultura Teológica**, v.18, n.72, p. 171-186, out./dez. 2010.

SERRANO, V. **A Páscoa de Jesus em seu tempo**. São Paulo: Paulinas, 1997.

TABORDA, F. **O memorial da Páscoa do Senhor**: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009.

Arthur Carvalho Moraes

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo / SP – Brasil

E-mail: arthur_moraes@hotmail.com

Recebido:30/08/22

Aprovado:13/12/22